Epistemologia Feminista na Pesquisa em Comunicação: Mulher, Feminino e a Inclusão de Outros Corpos/*Corpus*[1]

Anelise Wesolowski Molina[2]
Universidade Católica de Brasília

Resumo

O presente artigo pretende discutir o crescente número de trabalhos com temas ligados à mulher e ao feminino e como o Campo da Comunicação está tratando, em termos teóricos, de tais temas. Utilizamo-nos como referencial teórico tanto de estudos no campo da Epistemologia da Comunicação como de autoras feministas. Partindo de uma revisão bibliográfica, realizamos em seguida um levantamento das temáticas mais abordadas nos principais congressos de comunicação do Brasil e um levantamento análogo no âmbito da graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília, dentro do mesmo espaço temporal. Assim, esperamos ter alcançado uma reflexão eficaz a respeito da utilização da epistemologia feminista na pesquisa em comunicação, abrindo caminho para outras epistemologias alternativas à visão hegemônica e promovendo o olhar das minorias dentro do âmbito acadêmico.

Palavras-chave: comunicação; minorias; epistemologia; feminismo; gênero.

Introdução

A Pesquisa em comunicação tem, em grande parte, versado sobre a produção comunicacional, sua reverberação e seus efeitos práticos e simbólicos. Cabe ao pesquisador observar certos fenômenos e ir em busca de desvelar suas causas e efeitos, em uma perspectiva retroalimentar no que diz respeito à cultura, à mídia e às tecnologias comunicacionais, mais recentemente, às digitais. Daí a voltar nosso olhar de pesquisador para nosso próprio meio/modo de pesquisa e produção de conhecimento é, por vezes, custoso e, fora de grupos específicos que pesquisam a Epistemologia da Comunicação, isso é também pouco frequente. Dito isso, é importante salientar que o presente trabalho foi escrito por uma professora, presente em sala de aula, que orienta

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestra em Comunicação Social pela Universidade de Brasília. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília.

estudantes e que considera, modestamente, possuir um olhar atento ao que anda "saindo" das mentes inquietas e ainda pouco cristalizadas de quem estuda Comunicação na graduação. Objetos e temas têm se modificado rapidamente, revelando-se como interesses fortemente ligados às experiências pessoais dos estudantes em um mundo repleto de revoluções midiatizadas.

Mais adiante, falaremos especificamente dos aspectos quantitativos que foram necessários para viabilizar algumas das reflexões presentes aqui. Mas vale dizer que tudo começa com a observação das pesquisas feitas por parte dos formandos em Jornalismo e Publicidade e Propaganda nos últimos dois anos. Intui-se (e essa expressão foi usada deliberadamente aqui, tão corajosamente que vale ser repetida: "intuição") que a pesquisa em comunicação tem sofrido um *turning point* a partir de suas temáticas e interesses e a pergunta que surge é o quanto essa rápida mudança tem sido acompanhada por um aporte teórico que a sustente, que a contemple e que dê possibilidades para o desenvolvimento de suas máximas potencialidades. Em observações e, mais tarde, averiguações, nota-se um rápido crescimento das temáticas ligadas à mulher, das temáticas de gênero e ligadas ao feminino[3]. Não só a respeito de suas representações, alvo de estudos na comunicação há mais tempo e da crítica feminista de uma forma geral, mas também, e mais recentemente, do papel ativo da mulher em seu protagonismo midiático, como formadora de opinião, produtora de conhecimento, de outras estéticas, outras abordagens – o papel da mulher como agente formador e reformador da comunicação, da produção e distribuição de seus produtos bem como de observadora dos fenômenos. Fica óbvio que a mulher sai do papel de objeto olhado para alguém que olha, fala, escreve, desenha e produz conteúdo de alta relevância simbólica. É bastante indagador tal fato quando confrontado com a forma como esse conteúdo e esse conhecimento ainda é produzido e quando observamos seus resultados. O aumento das mulheres de forma quantitativa e qualitativa nos cenários modifica a forma de fazer comunicação e de fazer pesquisa em comunicação? Em uma primeira olhada rápida, podemos dizer que "em parte"; que uma mudança drástica e rápida nos sujeitos produtores tem afetado a temática e a abordagem no que se refere aos produtos comunicacionais mas não tem tido o mesmo impacto na pesquisa. Novas temáticas e outros objetos começam a despontar mas são abordados, na maioria das

[3] Quando falamos em "feminino" abordamos uma série de temas e não somente referimo-nos à características consideradas inerentes ao grupo "mulher" ou ao sexo biológico feminino.

vezes, da forma mais tradicional possível e valendo-se das mesmas ferramentas e teorias de outrora. A exploração que será feita no presente artigo será em direção a essa problemática: diante de tais transformações, como estamos nos preparando e preparando quem virá depois de nós? Comecemos pensando um pouco mais sobre a forma como produzimos ciência até aqui.

Ciência e Verdade

Primeiro, vamos às obviedades. Elas são sempre necessárias quando tratamos de feminismo justamente porque, para grande parte das pessoas, não são tão óbvias assim. O conhecimento é produzido dentro de um sistema maior. Não somente as contingências tecnológicas mas também as morais, culturais e simbólicas moldam aquilo que consideramos como conhecimento e, quase que como se fossem sinônimos, como verdade. Seria no mínimo ingenuidade considerar o conhecimento como algo desinteressado, desvinculado e descomprometido com o contexto. E, por mais incrível que pareça, o pensamento científico tradicional diz exatamente isso: a pesquisa deve acontecer pela pesquisa, o cientista deve ser alguém imparcial, deve manter uma distância segura do objeto para não se contaminar por ele, objeto não deve tomá-lo. Acreditando piamente no ideal de imparcialidade da ciência e não somente acreditando mas reproduzindo tal ideia, consolidou-se uma cientificidade que considera qualquer emoção, qualquer descontrole e qualquer intuição ou uso da experiência pessoal do sujeito cientista como falhas graves dentro do processo. A pesquisa, para ser boa, não deve ter motivações pessoais; o pesquisador, como sinal de competência, deve ser quase robótico, aplicando fórmulas e revisitando as teorias.

A próxima observação é que, sendo isso um fato (de que o conhecimento todo é produzido dentro de uma matriz maior), é bastante evidente que tal matriz para a ciência, tal como a fazemos, é o patriarcado. A ciência tem uma matriz masculina e seu "fazer" é estruturado segundo valores patriarcais. A invisibilização do patriarcado como matriz é, justamente, viabilizada pela naturalização dele como sistema. Não existia, até bem pouco tempo, uma alternativa para o que conhecíamos como a estrutura natural da "cultura" ou da "sociedade", portanto não haveria tampouco para o que chamamos de ciência. "As coisas como elas devem ser" eram as coisas como os homens diziam que elas deveriam ser, e que as mulheres reproduziam.

> De fato, instrumentada por um olhar desconstrucionista de gênero, a crítica feminista tem avançado da mera denúncia da exclusão e invisibilidade das mulheres no mundo da ciência para o

> questionamento dos próprios pressupostos básicos da Ciência Moderna, virando-a de cabeça para baixo ao revelar que ela não é nem nunca foi "neutra". Como já observava Virginia Woolf em 1936: A ciência, ao que parece, não é assexuada; ela é um homem, um pai, e infectada, também'" (SARDENBERG, 2001, p.01).

Não faz tanto tempo assim que outras visões do que seria científico começam a despontar e, obviamente, tais visões continuam sendo vistas com desconfiança e desprezo pelo meio científico tradicional. A contribuição da crítica pós-modernista para a descanonização dos princípios da Ciência Moderna, apesar de dispersa, tem sido primordial. Mesmo sendo opositivas ao sistema vigente, todas essas visões são forjadas dentro do sistema do patriarcado, herdando, aqui ali, marcas claras dele (e dentro desse molde, claro, colocamos também o feminismo). Uma alternativa para burlar tal sistema em busca de uma outra forma de olhar para seus objetos muitas vezes é aventurar-se na combinação de teorias, diferentes campos e ideias, delineando o que nós costumamos chamar de transdisciplinaridade. Uma transversalidade ou uma sobreposição de saberes que tem nos permitido encontrar brechas maiores para alcançar, quem sabe, uma visão mais holística daquilo que nos instiga e nos inquieta no mundo.

Mas, levando em consideração o fato de hoje estarmos conscientes de que o científico é, em seu cerne, algo eminentemente masculino e que o "fazer ciência" é mais um aparato para garantir a manutenção das normas instituídas que favorecem inegavelmente o *status quo*, não seria óbvio que contrapuséssemos esse sistema com algo que seja, por princípio, um desafio? Não seria mais lógico que construíssemos, em contraposição ao fazer científico androcêntrico, um fazer científico feminino?

> "as práticas científicas feministas fundamentam-se, assumidamente, em uma praxis política – em um projeto de transformação das relações de gênero -, ao passo que um dos fundamentos básicos da Ciência Moderna é justamente a necessidade de se impor uma separação entre "fatos" e "valores". Sem essa separação, ou melhor, só com total "neutralidade" é possível assegurar a objetividade necessária para a busca de "verdades científicas". Conseqüentemente, pensar em uma ciência feminista – ou em qualquer outra possibilidade de ciência politizada – requer, como primeiro passo, a desconstrução dos pressupostos iluministas quanto à relação entre neutralidade, objetividade e conhecimento científico. Requer, portanto, a construção de uma epistemologia feminista - de uma teoria crítica feminista sobre o conhecimento –, que possa autorizar e fundamentar esse saber que se quer politizado" (SARDENBERG, 2001, p.03).

Eis como o problema tratado no presente artigo começa: para construir um saber que sirva também como resistência e que tenha um potencial de mudança social, não estaríamos falando de uma pesquisa engajada, interessada e pertinente com as

necessidades do cotidiano das pessoas? Não estaríamos falando de uma ciência feminista? Isso se caso o fazer epistêmico feminino não seja definido como algo desviante; não seja menosprezado como algo inválido ou, resumindo: não se trabalhe obstinadamente para manter a dicotomia cartesiana que caracteriza a ciência como ela tem sido. A teoria empirista Feminista acredita propor "entendimentos menos racionalizados, menos perversos, menos defensivos, menos distorcidos, menos falsos e mais completos dos mundos natural e social" (HARDING, 1989, p.24). Esfumar as margens, indefinir os limites, repensar nossa maneira de formular conceitos é uma mudança que não passa só pelo racional, passa por toda uma reestruturação do mecanismo mental e sentimental quando falamos em fazer ciência.

Dentre as muitas qualidades que podem ser atribuídas à pesquisa em comunicação poderia ser dito que ela tem o mérito de aproximar a academia da vida cotidiana através dos produtos comunicacionais, a produção de realidade engendrada através deles, a sistemática e a política envolvida em sua distribuição bem como a reverberação desses fatores nos mais variados níveis e densidades simbólicas. Mais e mais, a atualidade oferece ao campo da comunicação objetos e temas de maior complexidade e faz da pesquisa em comunicação uma ferramenta não só eficaz mas imprescindível para o entendimento e a consciência a respeito do mundo e do que ele vem se tornando, cada vez mais rapidamente. A pesquisa em comunicação tem se tornado uma poderosa ferramenta e cada vez mais os olhos da Academia "crescem" em torno do que ela tem a contar.

Martino (2014) em seu atigo "Trilhas de um espaço de pesquisa: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós" delimita seu corpus em 126 resumos e bibliografias dos trabalhoa apresentados no GT de Epistemologia da Comunicação. Ele faz duas perguntas ao seu *corpus*: "a) A partir de onde, de quais pensadores, escolas ou conceitos, os textos são construídos? b) Quais são as principais temáticas e o que elas indicam sobre os rumos epistemológicos da área?" (MARTINO, 2014, p. 161). De certa forma, propomos aqui uma "repergunta", um "e agora?" partindo de alguns dados numéricos e também os colocando não como condicionantes primordiais para as reflexões feitas aqui mas como "pretextos" e motivadores das inquetações tratadas no presente artigo. A grande diferença é que aqui não olharemos para as tendências epistemológicas do campo em si, mas sim tentaremos uma aproximacão a respeito de outras epistemologias, nesse caso, a epistemologia feminista, e como ela pode ser útil

para elaborar a pesquisa em comunicação frente a novas temáticas que estão despontando como tendência.

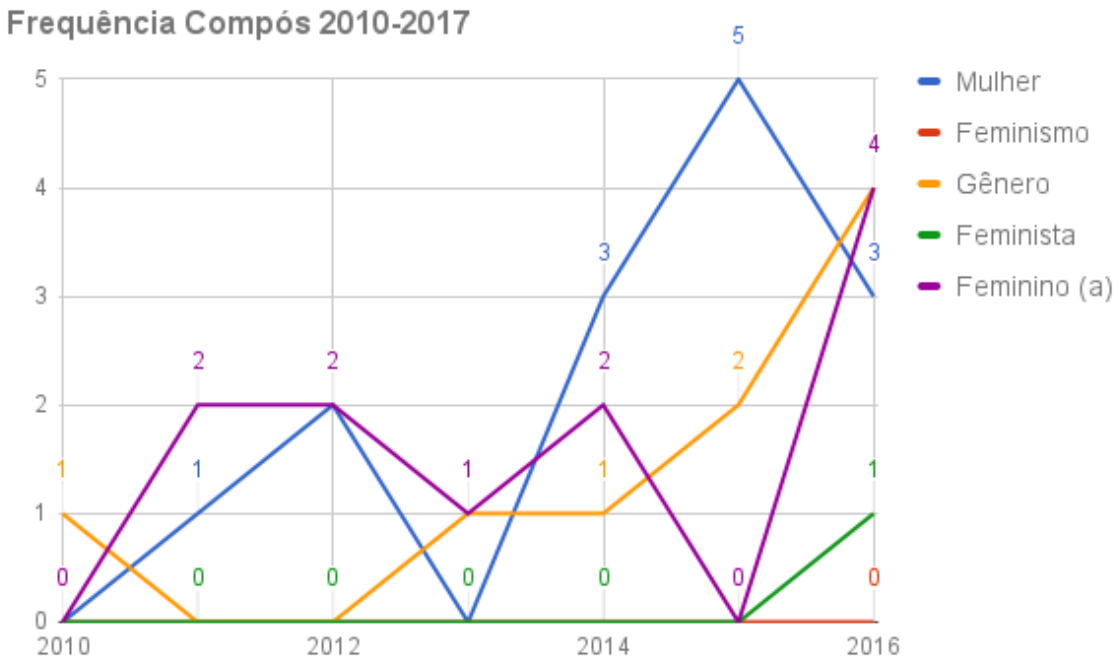
O que estudamos diz o que sobre nós mesmos?

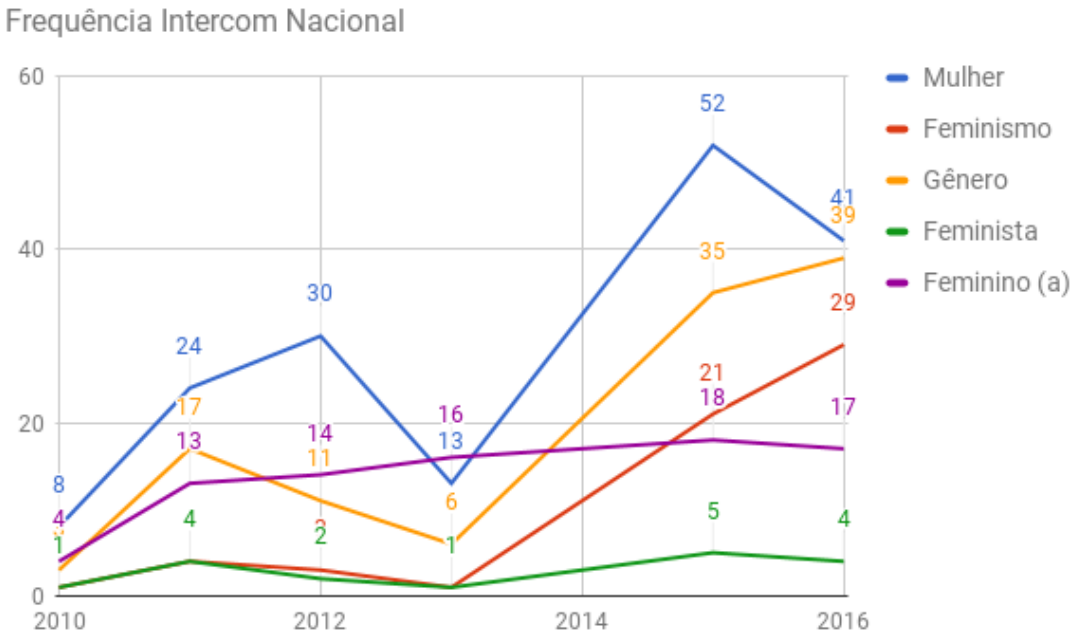
É necessário tomar como base alguns dados quantitativos para dar mais credibilidade às reflexões apresentadas. Mas é ainda mais primordial dizer que esse artigo é efeito de inquietações totalmente vivenciadas em sala de aula, com os estudantes durante as orientações e bancas dos trabalhos de TCC nos útimos dois anos. Realizamos um levantamento meramente quantitativo em um primeiro momento; averiguamos a frequência de determinadas expressões nos títulos e/ou palavras-chave dos artigos presentes na base de dados dos dois principais congressos de comunicação do nosso país, considerando-os como uma espécie de termômetro da produção científica. Concomitante a isso, realizamos também um levantamento da frequência desses mesmos termos nos TCCs produzidos na Universidade Católica de Brasília durante um período de tempo semelhante.

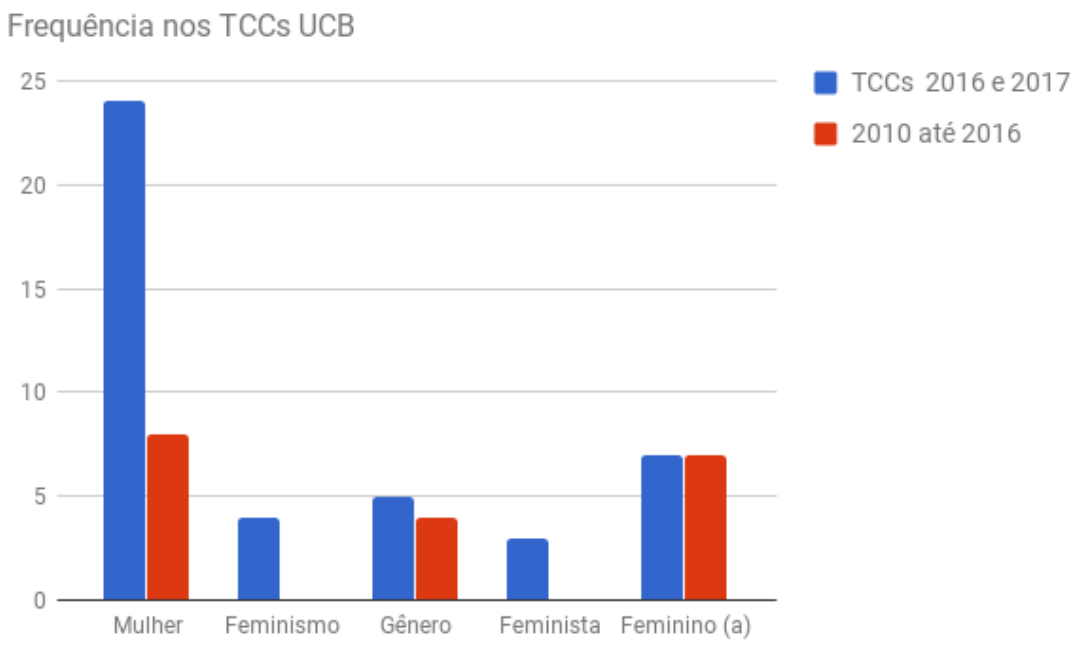
Usamos como base de dados os sites da Compós[4] e o Portal Intercom (Congressos Nacionais)[5] onde encontram-se compilados por ano todos os artigos apresentados nos dois congressos. Realizamos a busca nos títulos dos artigos no site da Compós e por título e palavra-chave no Portal Intercom, visto que as plataformas não apresentam a possibilidade de refinar a busca somente por título ou somente por palavra-chave. Procuramos por termos específicos dentro da nossa amostra, dentre eles os que consideramos mais relevantes para o presente trabalhos são: 1) Mulher 2) Feminino(a) 3) Feminismo 4) Feminista 5) Gênero. Ainda pesquisamos por outros termos que serão úteis para pesquisas futuras[6]. Analizamos os trabalhos da Compós entre os anos de 2010 a 2017, os artigos apresentados no Intercom Nacional das edições de 2010, 2011, 2012, 2013, 2015 e 2016[7]; ainda pesquisamos os trabalhos de conclusão de curso da Universidade Católica de Brasília dos cursos de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e de Jornalismo entre os anos de 2010 a 2017, buscando pelos

[4] http://compos.org.br/anais_encontros.php. Acesso em 14 de junho de 2017.
[5] http://www.portalintercom.org.br/eventos/congresso-nacional/apresentacao5. Acesso em 14 de junho de 2017.
[6] No levantamento realizado, ainda pequisamos os seguintes termos complementares: “Masculinidade(s)”; “Homem”; “Masculino(a)”; “Gay”; “Queer”; “Homossexual”.
[7] O ano de 2014 não estava disponível na base de dados do Portal Intercom, assim como o ano de 2016, mas a secretaria forneceu via e-mail a listagem de palavras-chave usadas no ano de 2016.

mesmos termos nos títulos das monografias. Abaixo, os gráficos das três instâncias pesquisadas:







Podemos observer, com base nos gráficos apresentados acima, que o termo "Mulher" tem um crescimento de frequência proporcionalmente semelhante na Compós e no Intercom Nacional ao longo do período analisado. Mas é a relação com os outros termos pesquisados o que torna interessante o uso do termo "Mulher" ao longo dos anos. O termo "Feminino" ou "Feminina" apresenta uma certa estabilidade de ferquência em ambos os casos; e, tomando-se o termo como algo relativo, próprio ou pertencente à mulher ou fêmea, pode-se concluir que o feminino –como adjetivo - tem estado presente na pesquisa em comunicação, mas o sujeito mulher é um fator mais recente. Isso, associado com o uso do termo "Gênero", que também tem um crescimento da frequência semelhante nos dois congressos, pode nos dar a ideia de que os estudos de gênero, de uma forma geral, tendem enfatizar a mulher como protagonista dos processos e investigar mais detalhadamente seu papel.

Já os termos "Feminismo" e "Feminista", que geralmente referem-se mais especificamente a fatores teóricos presentes nas pesquisas, têm comportamentos bastante diferentes nos dois congressos analisados. Na Compós o Termo "Feminismo" não aparece nenhuma vez no período analizado e o termo "Feminista" aparece uma única vez no ano de 2017. Já no intercom Nacional, o termo "Feminista" apresenta uma frequência baixa e estável em relação ao termo "Feminismo" que aparece mais e mais ao longo do período analisado, tendo um crescimento vertiginoso nos anos de 2015 e 2016.

Analisando o gráfico dos trabalhos de Conclusão de Curso da Universidade Católica de Brasília, podemos traçar um paralelo em relação ao cenário dos congressos citados acima. O termo "Mulher" desponta, enquanto os termos "Feminismo" e "Feminista" surgem somente nos últimos dois anos. Os termos "Gênero" e "Feminino" encontram um certo quadro de estabilidade. Traremos mais algumas reflexões acerca de tais resultados mais adiante.

Epistemologia Feminista – onde vive, do que se alimenta

Por princípio, a ideia de uma epistemologia feminista baseia-se no fato de que uma epistemologia nos molde tradicionais não contempla os efeitos do gênero sobre e no conhecimento. Assume-se que uma teoria do conhecimento é universal e não permeada ou influenciada pelos fatores contitutivos da identidade de gênero. Dessa forma, a crítica feminista tem se ocupado em inserir o gênero como uma categoria de análise histórica, problematizando, entre outras coisas, a ciência que sempre separou os discursos em verdadeiros, porque neutros, ou falsos, porque parciais. O feminismo denuncia a incongruência de tal separação pois o verdadeiro não pode ser neutro já que os autores dos discursos não são verdadeiramente neutros e sim marcados pelo gênero ao qual pertencem, o masculino (CASTRO, 2014), e esse talvez seja o ponto para onde convergem as mais variadas correntes da crítica feminista, o grande ponto de contato a despeito das enormes diferenças e conflitos internos que acontecem dentro do próprio feminismo.

Somado a isso, o feminismo tem uma má fama, em parte, pelo péssimo hábito de questionar eternamente sem, necessariamente, constituir um discurso propositivo em relação àquilo que critica; esse tipo de atitude é problema em todos os âmbitos, mas na ciência se torna ainda mais grave. Espaço de propostas, a ciência pode ser o palco para outros modos de fazer e ser, desde que nos arrisquemos a formular alternativas baseadas na teoria e na crítica feminista. Cabe-nos, propor princípios, conceitos e práticas que possam superar as limitações de outras estratégias epistemológicas tradicionais, no sentido de atender aos interesses sociais, políticos e cognitivos das mulheres e de outros grupos historicamente subordinados (SARDENBERG, 2001).

Os pontos mais fortes que podem embasar a construção de uma epistemologia feminista são, na verdade, alguns pilares da Teoria feminista: 1) a Praxis – baseamo-nos na ideia de que o feminismo é uma teoria prática, ou seja um saber que constrói-se baseado na experiência, colocando gênero, raça e sexualidade no centro da discussão, e

que deseja promover mudanças no mundo prático, no cotidiano dos indivíduos. 2) O corpo – ou, mais precisamente, a não separação entre o pensamento e a matéria. Pensamos o corpo e pensamos através dos nossos corpos; o corpo imanente, parte do processo da construção do conhecimento, nunca menor que o pensamento. 3) O engajamento – ou seja, estamos comprometidas com causas sociais concretas, não compramos a ideia da ciência pela ciência e não estamos dispostas à construir saberes, estéticas ou metodologias que prestem serviço à noção de ciência neutral e universal. O engajamento é parte da desconstrução da relação tradicional do sujeito com seu objeto, visto que a mulher observa o mundo através de sua condição histórica e que isso, deliberadamente, condiciona sua relação com o objeto, sem que necessariamente produza uma ciência menor.

Tais pilares nos dão algumas das noções para começar a explorar uma possível contribuição da epistemologia feminista para a Comunicação. Nos termos dos dados apresentados anteriormente, observa-se a necessidade de uma aproximação com o feminismo teórico para contribuir com a invertigação de determinados temas e objetos pertinentes com tais teorias. Cabe agora algumas reflexões acerca de como uma epistemologia feminista poderia ser usada para a construção de uma abordagem mais rica na pesquisa em Comunicação.

Epistemologia Feminista e Comunicação

A pesquisa em Comunicação tem se mostrado cada vez mais requerível e relevante por alguns motivos bastante específicos. Entre eles a tecnologia (no sentido amplo do termo), que é um dos propulsores da curiosidade científica a respeito dos diferentes tipos de interação possíveis através dos diferentes meios utilizados para isso.

> Revisando certas questões epistemológicas, éticas e políticas, enquanto responde à crescente influência da informação e tecnologias da comunicação na sociedade e na cultura no século XX, a pesquisa em comunicação desenvolve-se nos cruzamentos da filosofia social e teoria científica. A comunicação se estabeleceu como uma categoria particular da atividade humana a partir do desenvolvimento da mídia eletrônica durante a última metade do século XIX. Esse desenvolvimento encorajou pesquisadores e outros comentadores a pensar sobre as diversas práticas de interação social – face a face, através de fios, pelo ar – em termos de sua familiaridade (JANSEN, 2008, p.32).

Além disso, a Comunicação aparece como um campo que estuda a interpretação, a leitura que o sujeito faz do mundo através daquilo que produz e como essa produção

alimenta a realidade de sentido; desse modo a Comunicação é também um *link* sólido entre o campo acadêmico e o campo empírico, do qual muitas vezes se alimenta e acaba por alimentar.

Somente com tais fatores já podemos estabelecer uma conexão pertinente entre a epistemologia feminista e a pesquisa em Comunicação. Sendo o feminismo uma teoria prática, podemos pensá-la como uma ferramenta para aproximarmos a significação, o simbólico da experiência e o cotidiano.

> O feminismo, como qualquer outra perspectiva envolvida na interpretação da experiência e construção de sentido (significação), é ele mesmo parte de um mundo sócio-cultural maior e mais complexo cuja influência, não poucas vezes, escapa a nossa consciência imediata (SOUZA e MARTINEZ, 2001, p.2).

Além disso, "a teorização feminista implica uma teoria da comunicação feminista onde ela (a mulher) se reconheça em comunicação consigo mesma" (SOUZA e MARTINEZ, 2001, p.32). A teoria feminista chega a um momento onde o ponto de vista da mulher começa a ser explorado e valorizado como uma outra forma de produção de sentido, focalizando uma ampliação da consciência como método e lógica do feminismo. Essa ampliação de consciência implica em um método que compartilha da realidade corpórea da existência em que compreende a si mesma como existindo através de um corpo que é tanto sujeito para si mesma quanto um objeto para outro (SOUZA e MARTINEZ, 2001). Essa preocupação sucede a preocupação com a representação da mulher que tomou os estudos feministas em um primeiro momento e acompanha vários outros estudos epistêmicos que tentam construir e/ou recuperar o olhar de outras minorias, invisibilizado até então.

Outro aspecto bastante relevante na pesquisa em comunicação tem sido o crescente número de pesquisas a respeito das redes sociais e das interações geradas a partir delas. A expressão "redes sociais" aparece mais de cem vezes entre as palavras-chave do ano de 2016 no Intercom Nacional, mais vezes que a palavra "publicidade". Uma crescente preocupação com as consequências comunicacionais do ciberespaço vem tomando forma e a abordagem científica para tal tema tem sido, mais das vezes, a tradicional. Vem então a necessidade de se avaliar um cenário virtual e, dentro de um entendimento estrito, impalpável. Buscamos, então alguns *insights* dentro da obra de uma das mais recentes filósofxs feministas. Paul B. Preciado é umx autorx agênero que vem falando de corpo, tecnologia, virtualidade e biopolítica com uma linha de construção de conhecimento totalmente construída dentro dos limiares do cenário atual,

em que nada possui uma verdade ou uma definição última. Na fronteira entre o corpo orgânico e o corpo tecnológico, Preciado fala da construção das identidades de gênero como parte de um contexto maior e não podendo estar isolada de outros aspectos sociais e políticos.

> é preciso destacar que essas tecnologias do sexo e do gênero não existem, isoladamente ou de maneira específica, sem fazer parte de uma biopolítica mais ampla, que reúne tecnologias coloniais de produção do corpo-europeu-heterossexual-branco (PRECIADO, 2014, p. 103).

Podemos portanto, através de Preciado, ver a tecnologia de interação digital como uma prótese acoplada aos corpos, enriquecendo suas potencialidades políticas e sociais, amalgamando, portanto, o racional, o empírico, o sexual e o sentimental. Preciado ainda chama atenção para o que chama de *Potentia gaudendi* (força orgásmica) que é uma força para a construção do conhecimento e do saber que ainda é regulada pela farmacopornopolitica. "A força orgásmica reúne ao mesmo tempo todas as forças somáticas e psíquicas, põe em jogo todos os recursos bioquímicos e todas as estruturas da alma" (PRECIADO, 2008, p. 44), retomando mais uma vez a integração entre o mental e o corpóreo para uma ampliação do conhecimento. Preciado propõe uma nova forma de (in)definir o sujeito, através de um corpo que não é só físico mas presente em espaços virtuais tanto quanto nos espaços físicos; que através da consciência dos mecanismos de repressão e controle farmacológicos, tecnológicos e políticos possa fazer uma subversão desse sistema para daí utilizá-lo como forma de resistência e de transformação da realidade concreta. Preciado coloca a subversão do sistema sexual binário como centro de suas ideias e de uma eminente revolução em todos os âmbitos, desconstruindo e reconstruindo a realidade como conhecemos.

Considerações Finais

Em vista do que foi dito e demonstrado até aqui, podemos dizer que muito pouco de feminismo existe na pesquisa em Comunicação. Muito por entender-se que a teoria feminista não é válida, mas também por uma falta de conhecimento sobre o crescimento das temáticas pertinentes ao feminismo e por uma falta de visibilidade das autoras feministas. O próximo passo para o presente trabalho será um levantamento em termos de autores e autoras que vêm compondo as referências dos trabalhos levantados aqui e uma proposta bibliográfica que possa estar disponível para estudantes e pesquisadores e pesquisadoras em Comunicação Social.

Muito do que se tem produzido em termos de filosofia feminista e em termos de ciberfeminismo pode ser utilizado nas investigações que aparecem cada vez com mais frequência tanto em termos de graduação quanto em pós-graduação e acreditamos que podem enriquecer o campo com reflexões próprias e genuínas.

Assim esperamos que os dados e reflexões trazidos aqui possam contribuir para o crescimento do campo de forma geral e para a visibilidade de outras epistemologias, aquelas que estão nas margens e que podem, através de seu uso efetivo, construir um campo mais democrático e comprometido; outras construções de saber que possam encontrar um lugar no campo da Comunicação.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 3a.ed. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____ **Undoing gender**. Routledge. New York, 2004.

CASTRO, Susana. **Filosofia e Gênero**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

HARDING, S. **The instability of the analytical categories of feminist theory**. In: M. R. Malson, J. F. O'Barr, S. Westphal-Whil & M. Wyer, (Eds.), Feminist theory in practice and process (pp. 4-34). Chicago: University of Chicago Press, 1989.

JENSEN, Klaus Bruhn.**Teoria e filosofia da comunicação**. Matrizes, vol. 2, núm. 1, 2008, pp. 31-47 Universidade de São Paulo: 2008.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Trilhas de um espaço de pesquisa: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós** In: Comunicação, Mídia e Consumo. Ane II Vol. 11 N. 31 P. 159-177 Maio/ago 2014. São paulo: 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B.. **Testo Yonqui**: sexo, drogas y sociopoliticas. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2008.

SARDENBERG, Cecilia M.B. **Da crítica feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** In: COSTA, A.A. e SARDENBERG, C.M.B. (orgs.) *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Salvador, Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, vol.8 Coleção Bahianas, 2002.

SOUZA, Mariane L. e MARTINEZ Jacqueline M.. **Teoria da comunicação feminista: uma explicação semiótico-fenomenológica da teorização acadêmica feminista.** In:

Revista Tesseract edição n. 4 maio 2001. ISSN 1519-2415. Disponível em: http://www.antroposmoderno.com/word/Teoria.doc. Acesso em 9 de julho de 2017.